

Laços e Desenlaces na Literatura

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)



Atena
Editora
Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Laços e Desenlaces na Literatura

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

| Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG) | |
|---|--|
| L144 | Laços e desenlaces na literatura [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-496-2 DOI 10.22533/at.ed.962192407 1. Literatura – Estudo e ensino. 2. Teoria literária. I. Sousa, Ivan Vale de. CDD 801.95 |
| Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422 | |

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Qual seria a necessidade de ensinar literatura na atualidade? Por onde começar o processo de reflexão literária na escola? De que forma? Por que propor uma educação literária urgente?

As respostas para estas questões que abrem a apresentação desta coletânea podem ser encontradas nos vinte e sete capítulos que dão forma à obra, visto que todas as reflexões partem de diferentes concepções, embora tenham um único propósito: orientar o processo de formação dos leitores nas diversas trajetórias da narração. Assim, serão apresentados os sentidos que cada um dos trabalhos traz para o processo de formação dos leitores.

No primeiro capítulo são relatados os resultados da implementação de uma sequência didática realizada com estudantes do sexto ano do ensino fundamental. No segundo capítulo o autor problematiza as questões de ensino e aprendizagem de literatura na contemporaneidade, seu espaço na sala de aula e propõe a realização de uma oficina de leitura literária com a finalidade de contribuir na ampliação dos perfis de leitores. No terceiro capítulo a literatura e a cultura são utilizadas nas aulas de língua estrangeira como sendo uma das muitas possibilidades de ensino.

No quarto capítulo são problematizadas as questões do gênero fantástico na arquitetura. No quinto capítulo, além de relatar e inspira outros docentes dos anos finais do ensino fundamental quanto ao uso do livro-jogo em sala de aula. No sexto capítulo discute-se a ideia de nação e identidade em uma abordagem comparativa.

No sétimo capítulo há a problematização do quanto há de retórico e estético na inclusão das evidências históricas no código linguístico narrativo e isso permite problematizar a estabilidade do conhecimento histórico. No oitavo capítulo parte-se de uma análise das representações do sertão na obra poética *Inspiração Nordestina*, de Patativa do Assaré. No nono capítulo há o apontamento das relações entre cinema, psicanálise e literatura na análise de *Blade Runner e Inteligência Artificial* enlaçadas em Philip K. Dick e Brian Aldiss Freud com *A interpretação dos sonhos* e Lacan com seus estudos acerca do desejo.

No décimo capítulo analisam-se, comparativamente, aspectos da obra *Cidades Mortas*, de Monteiro Lobato e do romance *Malhadinha*, do escritor piauiense José Expedito Rêgo, sobretudo quanto ao ponto de intersecção temática. No décimo primeiro capítulo é feita uma análise sincrônica da ciberpoesia do web-poeta português Antero de Alda e o estilo Barroco, considerado como a primeira manifestação literária, genuinamente, brasileira. No décimo segundo capítulo analisam-se os poemas de José Craveirinha, poeta Moçambicano a partir da teoria da narrativa de viagens por Buesco, 2005, em que trata como a problemática da viagem tem sido fundamentalmente discutida nos estudos literários, apresentando como a imagem poética constrói-se pelo viés da linguagem.

No décimo terceiro capítulo aponta-se como memória individual e coletiva

exerce influência para construir uma identidade cultural e, por último, uma identidade nacional. No décimo quarto capítulo problematiza-se e compara-se a composição dos elementos do gênero fantástico nas obras *Aura*, de Carlos Fuentes e *A outra volta do parafuso*, de Henry James, levando-se em conta a utilização de aspectos atribuídos tradicionalmente ao imaginário feminino na tessitura dos contos. No décimo quinto capítulo discute-se as condições da representação feminina a partir do gênero carta.

No décimo sexto capítulo demonstra-se o erotismo nas principais personagens femininas da obra *Cien años de soledad*, de Gabriel García Márquez. No décimo sétimo capítulo expõe-se uma investigação do *Teatro da Crueldade*, de Antonin Artaud em diálogo com o pensamento nietzschiano acerca do *Trágico* que, por sua vez, reafirma-se com e na presença do deus Dioniso. No décimo oitavo capítulo recuperam-se alguns momentos da história do naturalismo no teatro português, entre 1870 e 1910 trazendo para discussão autores, peças, críticos e teóricos coevos.

No décimo nono capítulo analisa-se como o autor Abdias Neves constrói a cenografia e se posiciona mediante suas produções discursivas literárias na obra *Um manicaca*, 1985. Além disso, nos estudos da Análise do Discurso Literário, o posicionamento do autor é marcado por uma tomada de posição e uma ancoragem em um espaço conflitualístico. No vigésimo capítulo são expostos detalhes dos elementos poéticos que foram o fio condutor do experimento cênico evidenciando uma interação direta com o espaço e as reminiscências que surgem quando o movimento do texto no corpo instaura conexões com memórias coletivas e individuais. No vigésimo primeiro capítulo realiza-se uma abordagem da relação Literatura e Vida Social em *Selva Trágica*, 1959, constituindo-se um testemunho de época, a História dos ervateiros do Mato Grosso e da fronteira Oeste do Brasil, propondo uma interpretação ficcional da possível História dos trabalhadores da Companhia Matte Larangeira.

No vigésimo segundo capítulo aborda-se um pouco da vida de Stanislaw Ignacy Witkiewicz - o Witkacy (1885-1939) e também da sua “teoria da Forma Pura”. No vigésimo terceiro capítulo investigam-se as relações estabelecidas e os sentidos engendrados entre o conto *Entre santos*, 1896, de Machado e o *Diálogo dos mortos*, de Luciano. No vigésimo quarto capítulo analisa-se um dos contos mais emblemáticos de Lawrence, *O Oficial Prussiano*, no que diz respeito à homoafetividade reprimida de dois personagens da trama, *Herr Hauptmann*, um oficial e um jovem soldado sob seu comando, Schöner, que só conseguem exprimir seus desejos por meio da violência física e psicológica.

No vigésimo quinto capítulo investigam-se as diferenças existentes entre o enredo do romance *Um estudo em vermelho*, de Arthur Conan Doyle e da adaptação da obra para o primeiro episódio da série de TV Sherlock (BBC), intitulado “Um estudo em rosa”. No vigésimo sexto capítulo relata-se e analisa-se uma experiência poético-sociológica desenvolvida na disciplina Sociologia para o Ensino Médio na Educação de Jovens e Adultos, em duas escolas públicas da cidade de Sertãozinho,

São Paulo. E, por fim, no vigésimo sétimo capítulo abordam-se as formas de resistência da escritora maranhense Maria Firmina dos Reis em uma de suas obras poéticas.

Com a leitura de todos os vinte sete capítulos apresentados e organizados nesta coletânea algumas respostas serão produzidas às questões que deram as boas-vindas aos leitores desta coleção, pois somente assim é que será possível compreender os laces e desenlaces da leitura literária na formação de leitores.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| FORMAÇÃO DO ALUNO-LEITOR: UMA PROPOSTA VIÁVEL | |
| Camila Augusta Valcanover | |
| Elisa Maria Dalla-Bona | |
| DOI 10.22533/at.ed.9621924071 | |
| CAPÍTULO 2 | 13 |
| ENSINAR E APRENDER LITERATURA HOJE | |
| Ivan Vale de Sousa | |
| DOI 10.22533/at.ed.9621924072 | |
| CAPÍTULO 3 | 24 |
| LITERATURA E CULTURA NAS CLASSES DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA | |
| Melina Xavier de Sá Morais | |
| DOI 10.22533/at.ed.9621924073 | |
| CAPÍTULO 4 | 34 |
| A (DES)CLASSIFICAÇÃO DO GÊNERO FANTÁSTICO NA ARQUITETURA | |
| Aline Stefania Zim | |
| DOI 10.22533/at.ed.9621924074 | |
| CAPÍTULO 5 | 43 |
| A APLICAÇÃO DO “LIVRO-JOGO” EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO FUNDAMENTAL II | |
| Pedro Panhoca da Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.9621924075 | |
| CAPÍTULO 6 | 51 |
| A IDEIA DE NAÇÃO E IDENTIDADE AMERÍNDIA EM <i>MAÍRA E O RASTRO DO JAGUAR</i> | |
| Cíntia Paula Andrade de Carvalho | |
| DOI 10.22533/at.ed.9621924076 | |
| CAPÍTULO 7 | 59 |
| A RETÓRICA DA EVIDÊNCIA | |
| Henrique Carvalho Pereira | |
| DOI 10.22533/at.ed.9621924077 | |
| CAPÍTULO 8 | 66 |
| AS REPRESENTAÇÕES DO SERTÃO EM <i>INSPIRAÇÃO NORDESTINA</i> DE PATATIVA DO ASSARÉ | |
| Ernane de Jesus Pacheco Araujo | |
| Silvana Maria Pantoja dos Santos | |
| DOI 10.22533/at.ed.9621924078 | |
| CAPÍTULO 9 | 77 |
| <i>BLADE RUNNER</i> E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: INTELIGÊNCIA LIBIDINAL E A LITERATURA DE FICÇÃO | |
| Roseli Gimenes | |
| DOI 10.22533/at.ed.9621924079 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 10 | 89 |
| DECADÊNCIA: UM PONTO DE INTERSECÇÃO ENTRE <i>CIDADES MORTAS</i> DE MONTEIRO LOBATO E <i>MALHADINHA</i> DE JOSÉ EXPEDITO RÉGO | |
| Elimar Barbosa de Barros | |
| José Wanderson Lima Torres | |
| DOI 10.22533/at.ed.96219240710 | |
| CAPÍTULO 11 | 103 |
| ECOS DO BARROCO NA CIBERPOESIA CONTEMPORÂNEA DE ANTERO DE ALDA | |
| Bruna Messias de Oliveira | |
| Hevellyn Cristine Rodrigues Ganzaroli | |
| Leonardo José Rodrigues | |
| Nádia Vieira Simão | |
| Pâmela Natiele Pereira Bispo | |
| Viviane Ellen Araújo Pereira | |
| Débora Cristina Santos e Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.96219240711 | |
| CAPÍTULO 12 | 111 |
| ENTRE POESIA, VIAGEM E ESPAÇOS: REFLEXÕES SOBRE A POESIA DE JOSÉ CRAVEIRINHA | |
| Vanessa Pincerato Fernandes | |
| Marinei Almeida | |
| DOI 10.22533/at.ed.96219240712 | |
| CAPÍTULO 13 | 123 |
| MEMÓRIA, IDENTIDADE E NACIONALISMO ÉTNICO E CÍVICO EM NARRATIVE OF THE LIFE OF FREDERICK DOUGLASS, AN AMERICAN SLAVE, WRITTEN BY HIMSELF | |
| Nilson Macêdo Mendes Junior | |
| DOI 10.22533/at.ed.96219240713 | |
| CAPÍTULO 14 | 134 |
| FASCÍNIO E TERROR: AS FIGURAS FEMININAS EM <i>AURA</i> DE CARLOS FUENTES E <i>A OUTRA VOLTA DO PARAFUSO</i> DE HENRY JAMES | |
| Danielli de Cassia Morelli Pedrosa | |
| Ana Lúcia Trevisan | |
| DOI 10.22533/at.ed.96219240714 | |
| CAPÍTULO 15 | 145 |
| RECEPÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA CONDIÇÃO FEMININA EM: <i>RESPOSTA A SÓROR FILOTEA DE LA CRUZ</i> | |
| Margareth Torres de Alencar Costa | |
| DOI 10.22533/at.ed.96219240715 | |
| CAPÍTULO 16 | 151 |
| O EROTISMO NAS PERSONAGENS FEMININAS EM <i>CIEN AÑOS DE SOLEDAD</i> , DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ | |
| Margareth Torres de Alencar Costa | |
| Thiago de Sousa Amorim | |
| DOI 10.22533/at.ed.96219240716 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 17 | 160 |
| A POTÊNCIA TRÁGICA-DIONISÍACA NO TEATRO DA CRUELDADE DE ANTONIN ARTAUD | |
| Rodrigo Peixoto Barbara | |
| DOI 10.22533/at.ed.96219240717 | |
| CAPÍTULO 18 | 171 |
| O TEATRO NATURALISTA EM PORTUGAL (1870-1910) | |
| Claudia Barbieri Masseran | |
| DOI 10.22533/at.ed.96219240718 | |
| CAPÍTULO 19 | 181 |
| A CENOGRAFIA E O POSICIONAMENTO DO AUTOR NO DISCURSO LITERÁRIO DE <i>UM MANICACA</i> | |
| Érica Patricia Barros de Assunção | |
| João Benvindo de Moura | |
| DOI 10.22533/at.ed.96219240719 | |
| CAPÍTULO 20 | 192 |
| CONVERSAS DE UM POETA COLECIONADOR: A TRANSPOSIÇÃO DA LITERATURA BENJAMINIANA EM DRAMATURGIA PARA O MONÓLOGO “HAVERES DA INFÂNCIA; UM POETA COLECIONADOR” | |
| Erika Camila Pereira dos Santos | |
| Cláudio Guilarduci | |
| DOI 10.22533/at.ed.96219240720 | |
| CAPÍTULO 21 | 203 |
| OS ERVAIS DE SELVA TRÁGICA: UMA VIA DE MÃO ÚNICA – DEGRADAÇÃO E MORTE | |
| Jesuino Arvelino Pinto | |
| DOI 10.22533/at.ed.96219240721 | |
| CAPÍTULO 22 | 213 |
| STANISLAW IGNACY WITKIEWICZ – A FORMA PURA E O ÊXTASE MÍSTICO PELA ARTE | |
| Andrea Carla de Miranda Pita | |
| DOI 10.22533/at.ed.96219240722 | |
| CAPÍTULO 23 | 221 |
| UM DIÁLOGO DOS MORTOS À BRASILEIRA | |
| Iasmim Santos Ferreira | |
| DOI 10.22533/at.ed.96219240723 | |
| CAPÍTULO 24 | 232 |
| A VIOLÊNCIA E A HOMOAFETIVIDADE REPRIMIDA NO CONTO <i>O OFICIAL PRUSSIANO</i> , DE D. H. LAWRENCE | |
| Iêda Carvalhêdo Barbosa | |
| DOI 10.22533/at.ed.96219240724 | |
| CAPÍTULO 25 | 241 |
| <i>UM ESTUDO EM VERMELHO</i> VERSUS “UM ESTUDO EM ROSA”: ARTHUR CONAN DOYLE E UMA ADAPTAÇÃO TELEVISIVA | |
| Maria Luand Bezerra Campelo | |
| Vanessa de Carvalho Santos | |
| Wander Nunes Frota | |
| DOI 10.22533/at.ed.96219240725 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 26 | 251 |
| “O IMPORTANTE PARA O TRABALHADOR É SABER DO SEU VALOR”: ESCRITAS DE SI COMO INSTRUMENTOS DE RESSIGNIFICAÇÃO DA SUBJETIVIDADE DE ESTUDANTES- TRABALHADORES | |
| Patricia Horta Livia Bocalon Pires de Moraes | |
| DOI 10.22533/at.ed.96219240726 | |
| CAPÍTULO 27 | 263 |
| “CANTA, POETA, A LIBERDADE, - CANTA”: A VOZ POÉTICA AFRO-BRASILEIRA DE MARIA FIRMINA DOS REIS | |
| Juliana Carvalho de Araujo de Barros | |
| DOI 10.22533/at.ed.96219240727 | |
| SOBRE O ORGANIZADOR | 270 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 271 |

RECEPÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA CONDIÇÃO FEMININA EM: *RESPOSTA A SÓROR FILOTEA DE LA CRUZ*

Margareth Torres de Alencar Costa

Universidade Estadual do Piauí-UESPI

RECEPTION AND REPRESENTATION OF THE FEMININE CONDITION IN: *ANSWER TO SOROR FILOTEA DE LA CRUZ*

Nossa contribuição neste estudo toca em dois aspectos relacionados à vida e a uma das cartas escritas por sóror Juana Inês de La Cruz, a monja mexicana que viveu e produziu sua obra no século XVII, que é mostrar que sóror Juana Inês de La Cruz fez uma denúncia da condição feminina da mulher no século XVII ao tempo em que defende o direito das mulheres ao estudo na carta escrita por ela, denominada de *Respuesta a Sor Filotea de la Cruz* e investigar como ocorreu a recepção da referida carta na época de sua publicação. Para alcançar os objetivos lançamos mão das teorias de: Iser (1996); Hans Robert Jauss (1994/79/2002); Alatorre (2007); Paz (1982) sobre Sóror Juana Inês e a Recepção de sua carta no século XVII, Bosi (1994) sobre a memória e na Carta escrita por sóror Juana Inês de La Cruz (2000) para fazer o diálogo do texto com a teoria. No período colonial, no México do século XVII, nasce Juana Inês

Asbaje Ramirez de Santillana, que mais tarde se tornaria a freira sóror Juana Inês de La Cruz, que mesmo vivendo em uma sociedade vigiada pelo Tribunal do Santo Ofício e uma época em que tudo era movido pela Fé, cria para si oportunidades de crescimento intelectual mesmo que este espaço fosse destinado somente aos homens. No tocante às mulheres, havia todo tipo de proibições, censuras e a ausência de direitos ou leis que protegessem seus corpos físicos, sua vontade, isso no tocante às mulheres brancas, porque Nova Espanha era uma sociedade onde o preconceito racial era patente, havia escravidão e divisão da sociedade a partir da origem racial, a instituição do dote para tudo o que se referiam às mulheres, que eram consideradas objetos da vontade dos homens. Sóror Juana Inês de La Cruz, reconhecida como a maior representante do Barroco Hispano Americano do século XVII, era uma mulher de beleza física e inteligência extraordinárias. Como escritora destacou-se pela escrita de romance e redondilhas, décimas, glosas e sonetos, liras, os sagrados vilancetes, duas comédias e duas cartas que foram a causa de sua queda e desgraça. Uma destas cartas- *Respuesta a Sor Filotea de la Cruz* (carta escrita em resposta a Carta Atenagórica- outra carta anterior e que

havia sido escrita a pedido do Bispo de Puebla) apresenta marcas de gênero muito adiantadas para a época o que gerou grande revolta principalmente nos leitores do Santo Ofício e também do seu confessor espiritual, que em virtude disso deixou de ser seu confessor e a monja ainda teve de lidar com um processo para comparecer ao Tribunal do Santo Ofício. Vejamos um resumo do que representou toda esta polêmica por ocasião da publicação de sua primeira carta. As cartas escritas por sóror Juana Inês de La Cruz tiveram como destinatários primeiros o bispo de Puebla, Manuel Fernández de Santa Cruz, (pelo menos de forma explícita) personagem muito próximo a sóror Juana Inês de La Cruz, com quem tinha relação intelectual através da participação em tertúlias literárias promovidas no claustro por sóror Juana; ao tempo em que a admirava, tentava submetê-la ao jugo de sua autoridade e é em função desta autoridade que tinha sobre ela, que ele lhe dá a missão de escrever uma crítica ao Sermão do Mandato, escrito pelo Padre jesuíta português Antônio Vieira. O segundo destinatário das cartas, (ou talvez o principal), mesmo que não estivesse tão explícito no texto escrito, é o obsessivo e misógino Francisco Aguiar y Seijas – Arcebispo do México. Ao atacar o padre Vieira, sóror Juana se envolve em uma disputa pelo poder entre os dois homens da Igreja – Aguiar y Seijas e Fernández de Santa Cruz – que anteriormente tinham entrado em disputa pelo cargo de arcebispo do México, quando da saída do Frei Payo Enríques de Rivera, entre 1680 a 1681. Nessa época deu-se em Madrid um Conselho para eleição do importante posto de Arcebispo do México. Fernández de Santa Cruz era uma das opções contempladas junto com Francisco de Aguiar y Seijas, este, fiel admirador de Vieira e também pertencendo à Companhia de Jesus. Explica Paz: “La Carta Atenagórica es un texto polémico en el que la crítica a Vieyra esconde una crítica a Aguiar. Esa crítica la hace una mujer, nueva humillación para Aguiar que odiaba y despreciaba a las mujeres”. (PAZ, 1982, p.526) O texto *Respuesta a sóror Filotea de la Cruz*, revela toda uma situação na qual surgiu sua outra carta, fato que a leva a efetivar não uma, mas várias críticas à sociedade da época na Nova Espanha, como a falta de oportunidade e acesso ao estudo negado à mulher que era condenada assim à ignorância, ao tempo em que revela a situação da mulher branca na sociedade do século XVII, o medo das consequências da escrita e publicação da carta anterior (a *Crisis*), e muitas outras mensagens presentes no discurso e expressas como já foi explicitado neste estudo. Jauss (1994) e Iser (1996) foram os responsáveis pelo estudo que revolucionou a dinâmica e o modo de ver a interação texto-leitor. Em sua teoria, Jauss exalta a importância da interpretação como chave para o significado, mas sem o antigo status de autoridade do texto e do autor, em seu lugar ele aponta o leitor como elemento chave no processo de leitura e resposta crítica, que é o efeito que o texto causa no leitor. Para Iser, a leitura envolve uma interação entre os elementos do texto e o ato da leitura mesma. De acordo esta teoria o texto é uma estrutura potencialmente atualizada pelo leitor. Este teórico afirma em sua teoria que o texto tem lacunas que o leitor deve completar no ato da leitura. Em síntese a

estética da recepção considera a literatura um sistema que se define por produção, recepção e comunicação, tecendo uma relação dialética entre autor, obra e leitor. É com base nos postulados destes dois teóricos que explicitamos como se deu a recepção da *Respuesta a Sor Filotea de la Cruz* no século XVII. A *Resposta a Sor Filotea de La Cruz* se insere no gênero da escrita epistolar, nesse texto observamos que sóror Juana faz uso da memória para discorrer sobre um assunto anterior ao texto e é possível ao leitor acompanhar os fatos. Ao fazer a leitura da *Respuesta a Sor Filotea de La Cruz*, percebe-se o esforço de sóror Juana no sentido de sensibilizar seus leitores de sua inocência a respeito da escrita de sua carta anterior, a *Carta Atenágorica*, e nesse sentido se vê obrigada a lançar mão de suas lembranças, evocar suas memórias e ao fazê-lo escreve sobre si, toma-se como objeto de estudo, o que na opinião de Bosi (1994, p.47): “A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. [...] A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.” O ato de escrever permite o estreitamento e manutenção dos vínculos com seu passado, o restabelecimento do fluxo de comunicação com as pessoas. Uma carta enviada e recebida viabiliza a manutenção dos vínculos de amizade e é um poderoso instrumento que permite um olhar sobre si mesmo ao enviá-la e uma reflexão sobre a mensagem escrita ao receber sua resposta. Este exercício permite uma transformação no remetente por meio da reflexão sobre o que irá escrever- seu discurso e no(s) destinatário (s) de sua mensagem. Nesse contexto, era normal que qualquer moça em qualquer idade, no caso de sóror Juana desde a adolescência se sentisse solitária e com desejos de comunicar-se, como explica Paz (1982, p.173): “O convento, ao mesmo tempo em que lhe permite adentrar no mundo masculino, impede que este entrar seja de forma plena.” Com relação à condição feminina no século XVII verifica-se que o discurso proferido pela monja revela *sua subjetividade* presente no referido texto, da mesma forma que é possível identificar o enunciatário, uma vez que foi pensando neles que muitas de suas escolhas enunciativas foram feitas, como já frisado em outros parágrafos neste estudo. Sóror Juana, sendo uma monja e convivendo e comungando com valores dos destinatários de seu discurso, elabora um texto visando causar respostas positivas a seu favor, porque havia muita coisa contra ela e, para piorar as coisas, era mulher, sexo considerado inferior para a realidade da época além de ser monja professa, ter feito voto de obediência e com isso desistido de seu livre arbítrio. Na carta *Respuesta a sor Filotéa de la Cruz*, sóror Juana Inês demonstra a total falta de direitos que as mulheres do século XVII tinham que suportar, nem mesmo o direito ao estudo ou de expressar-se lhes era permitido e dessa forma o leitor se depara com uma escrita de si carregada de explicações sobre a escrita de uma outra carta e da defesa veemente que uma mulher faz de si de uma forma errudita provando que ali não era uma mulher comum que se explicava e defendia o direito das mulheres ao estudo. Nesse contexto, era normal que qualquer moça em qualquer idade, no

caso de sóror Juana desde a adolescência se sentisse solitária e com desejos de comunicar-se, como explica Paz (1982, p.173):“O convento, ao mesmo tempo em que lhe permite adentrar no mundo masculino, impede que este entrar seja de forma plena.[...] Os conventos são prisões para os corpos em vida, só a alma pode tentar escapar, mas mesmo ela está presa por grilhões.”Para Paz (1982), *La Respuesta* ao bispo de Puebla foi escrita com ânimo defensivo e quando sóror Juana passava por uma situação muito difícil e como tal contém revelações preciosas sobre os anos de sua meninice e adolescência, sobre a situação da mulher na época em que viveu sua vida privada e a tentativa de provar que escreveu a *Crisis* por ordens superiores, sendo por isso inocente não de ter escrito a carta, mas de tê-la escrito em obediência e por este motivo não poderia ser penalizada.O confessor não era somente o mediador que agia como força controladora entre a freira e a instituição eclesiástica muito mais que isso, representava uma espécie de juiz celestial. As freiras eram expressamente proibidas pela Igreja de buscar, em fonte distinta, outra maneira de governo da alma, salvo quando lhes fosse ordenado o contrário e, com certeza, Cruz, (2000, p. 31) estava obedecendo a ordens:“¿Cómo me atreviera yo a tomarlo en mis indignas manos, repugnándolo el sexo, la edad y sobre todo las costumbres? Y así confieso que muchas veces este temor me ha quitado la pluma de la mano y ha hecho retroceder los asuntos hacia el mismo entendimiento de quien querían brotar... Y, a la verdad, yo nunca he escrito sino violentada y forzada y sólo por dar gusto a otros.” A monja tinha um processo inquisitorial movido contra ela por Aguiar y Seijas por conta da escrita da Crítica ao sermão do Mandato do padre Antonio Vieira, nessa época o acusado tinha de fazer sua própria defesa perante o Tribunal do Santo Ofício, e como sóror Juana sob a autoridade de Fernandez de Santa Cruz, que ao publicar a *Crisis* lhe dá autoridade para responder a carta a ela dirigida, lança mão da retórica a seu favor, como já mencionado neste estudo e para reforçar o que já foi dito, sóror Juana escolhe as palavras e imagens para dar legitimidade suficiente a seu discurso diante das circunstâncias em que se encontra e a forma como sua segunda carta seria recebida, dado que a recepção da primeira lhe gerou uma situação difícil – um processo perante o Santo Ofício conforme dito no início do parágrafo e como estava sendo acusada de heresia por um de seus impugnadores ataca: “pues como yo fue libre para disentir de Vieyra, lo será cualquiera para disentir de mi dictamen.” (CRUZ, 2000, p.69).Sabemos que a permanência de uma obra literária e sua recepção pelo público leitor não são determinadas, segundo Jauss (1994, p.49): “Nem pela estatística nem pela vontade subjetiva do historiador, mas pela história do efeito: por aquilo que resultou do acontecimento”. Esta pesquisa se justificou pela necessidade de estudos sobre a recepção da carta *Respuesta a sor Filotea de La Cruz* nos séculos XVII.Desse modo, Iser (1996) apoia-se em Jauss (1994) quando afirma que os textos comunicam-se não somente com os leitores contemporâneos, mas dialogam com outros públicos. Para Iser (1996, p.49) um dos fatores mais importantes no que diz respeito à recepção de um texto literário é “sem

dúvida o leitor, ou seja, o verdadeiro receptor dos textos. [...] Para os procedimentos da interpretação, a leitura dos textos é uma pressuposição indispensável, ou seja, um ato que sempre antecede os atos interpretativos e seus resultados”. O interesse pela vida intelectual de nossa Juana Inês teve início, conforme ela mesma nos conta em sua *Respuesta*, quando acompanhou sua irmã mais velha a uma das amigas, que é como se chamavam as instituições que ensinavam as meninas a ler em Nova Espanha. A partir daí, o desejo de aprender e conhecer mais e mais a fez solicitar a sua mãe que a vestisse de homem para poder frequentar escolas e universidades. Fica já explícito, que o mundo do conhecimento, escolas e universidades era vedado às mulheres. Já adolescente Juana Inês, foi viver no povoado de Amecameca com uma tia materna (com a família Mata Ramírez), cuja inteligência excepcional e beleza extrema fizeram com que temerosos que o futuro de sóror Juana fosse perigoso, quando contava treze anos de idade (em 1664) foi introduzida na corte dos vice-reis, marqueses de Mancera, como nos explica Calleja (ALATORRE, 2007, p.241); “Luego que conocieron sus parientes el riesgo que podía correr de desgraciada por discreta y, con desgracia no menor, de perseguida por hermosa, aseguraron ambos extremos de una vez y la introdujeron en el palacio del Excelentísimo señor Marqués de Mancera, Virrey que era entonces de México, donde entraba con título de muy querida de la señora Virreina.” No século XVII, a sociedade vivia uma realidade eivada de valores que hoje conhecemos pelo nome de etnocentrismo e que para os valores da época é tido como falocentrismo em todas as suas formas, e a relação entre homens e mulheres era desigual no sentido mais estrito da palavra como já pontuado. Às mulheres só cabia o papel de esposa subserviente, apática, sem vontade própria que não as do marido. Neste ambiente, se havia literatura sobre mulheres era escrita por homens que tinham voz e livre arbítrio e quando uma mulher aparecia falando aos homens ou sobre mulheres inclusive, dando-lhe voz, como foi o caso de nossa Juana Inês era vista como transgressora. O leitor deve imaginar o impacto para a época o fato de uma mulher usar a palavra para se defender, como foi o caso de sóror Juana. Nesse jogo de relações de poder, sóror Juana Inês perdeu porque não tinha outra possibilidade, ninguém era insano o suficiente na realidade social do século XVII de se juntar a ela em um momento como este. Os resultados obtidos apontam para uma total falta de voz e direitos das mulheres no século em que viveu, produziu e morreu a monja mexicana sóror Juana Inês de La Cruz.

PALAVRAS-CHAVE: Sóror Juana Inês de la Cruz. Recepção; Condição feminina; *Respuesta a Sor Filotea de La Cruz*

REFERENCIAS

ALATORRE, A. **Sor Juana a través de los siglos** (1668-1852) Tomo I. EL COLEGIO DE MÉXICO. UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE MÉXICO, México, 2007.

_____. **Sor Juana a través de los siglos** (1853-1910) Tomo II. EL COLEGIO DE MÉXICO. UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE MÉXICO, México, 2007.

BOSI, E.; **Memória e Sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CRUZ, S. J. I. de. **Respuesta a Sor Filotea de la Cruz**. Prólogo: Grupo Feminista de Cultura. México, Distribuciones Fontanamara, Novena edición, 2000.

ISER, W. **O ato da Leitura: uma teoria do Efeito Estético**. Local. Vol. 1. Ed.34,1996.

JAUSS, H. R. et. all. **A Literatura e o leitor, textos de estética da recepção** Coordenação e tradução de Luís Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1979.

_____. **Pequena apologia de la experiência estética**. Introducción de Daniel Innerarity. Barcelona; Paidós, 2002.

_____. **A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária**. São Paulo: Ática, 1994.

PAZ, O. **Sor Juana Ines de La Cruz o las Trampas de la Fe**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1992.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adaptação 241

Análise 6, 20, 181, 182, 183, 186, 191, 241

B

Brasileira 5, 50, 102, 105, 169, 250, 263, 265

C

Cenografia 181, 184

Cinema 82, 86, 87

Cultura 33, 76, 86, 87, 121, 132, 133, 150, 180, 250

E

Educação de Jovens e Adultos 6, 251, 252, 253, 262

Ensino 6, 1, 2, 32, 43, 50, 66, 94, 102, 123, 251, 253, 262

Ensino Fundamental 1, 2, 43

Ensino Médio 6, 32, 251, 253, 262

Erotismo 151, 152, 159

Estético 150

Estudos 32, 105, 121, 174, 176, 180, 202

Experiência 194

H

Homoafetividade 232

I

Identidade 123, 132, 135

L

Leitura literária 13

Linguagem 161, 169, 191

Literatura 2, 6, 11, 13, 14, 23, 32, 33, 41, 50, 58, 59, 75, 76, 77, 86, 89, 102, 105, 110, 111, 112, 113, 114, 120, 121, 134, 136, 150, 183, 191, 203, 204, 240, 253, 254, 263, 265, 269

M

Memória 123, 125, 132, 150, 194

Monteiro Lobato 5, 89, 90, 94, 95, 96, 99

N

Naturalismo 171, 174, 180, 189, 190

O

Obra 116, 117, 119, 121

Oficina 19

P

Pensamento 106, 107, 193

Personagens 30, 151

Psicanálise 86, 87

Q

Questões 102

R

Romance 108, 171, 180

T

Teatro português 171

Texto 9, 10, 24, 34, 77

V

Vida 6, 160, 167, 203, 224

Violência 232

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-496-2



9 788572 474962